

## Contar e praticar: percursos urbanos no Recife/PE

WENDELL MARCEL ALVES DA COSTA\*

### Resumo:

Propomos nesse artigo problematizar os percursos urbanos desenvolvidos na cidade do Recife, Pernambuco, resultado da pesquisa de campo empreendida em outubro de 2018. A partir do contar e do praticar como ferramentas da etnografia de rua, promovemos uma discussão sobre o potencial narrativo e simbólico do Recife, cidade-objeto de diversos produtos culturais e acadêmicos. Nesse contexto, acreditamos que contar e praticar podem servir como processos de fabricação do imaginário urbano, atividades eminentemente ligadas aos métodos de observação, análise e interpretação da realidade social.

**Palavras-chave:** Etnografia de rua; Recife-PE; Cidade-objeto.

### Narrate and practice: urban tours in Recife/PE

### Abstract:

In this article we propose to problematize the urban tours developed in the city of Recife, Pernambuco, as a result of the field research undertaken in October 2018. Based on narrate and practice as tools of street ethnography, we promote a discussion about the narrative and symbolic potential of the city Recife, object-city of several cultural and academics products. In this context, we believe that narrate and practice can serve as manufacturing processes of the urban imagination, activities eminently linked to the methods of observation, analysis and interpretation of social reality.

**Key words:** Street Ethnography; Recife-PE; Object-city.



\* **WENDELL MARCEL ALVES DA COSTA** é Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Cientista Social pela UFRN. Associado da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens da Cena: imagem, cultura e representação (CNPq). E-mail: marcell.wendell@hotmail.com.

## Introdução

A cidade é o lugar das práticas, representações e afetividades. Mais do que isso, a cidade conta histórias que estão presentes nas narrativas das pessoas que moram nos bairros. Recife, Pernambuco, tem passado atualmente por um processo de reestruturação urbana do seu espaço urbano, com a retirada de prédios antigos e de verdadeiros monumentos culturais que podem ser considerados como patrimônios históricos da cidade. Em razão desse processo perde-se cada vez mais o contato entre as pessoas – moradores e visitantes – com a história cultural e simbólica do Recife.

Nesse entendimento, as atividades de contar – e recontar – e praticar – andar e caminhar/errar – a cidade funciona como processos de reconhecimento do espaço urbano como o lugar das vivências e dos (des)encontros. Nesse contexto, entramos na cidade por meio da etnografia de rua (ECKERT, ROCHA, 2003), que busca evidenciar as narrativas e as práticas da cidade em temporalidades culturais. Nosso objetivo é empreender uma contextualização histórica e simbólica do Recife, que para nós configura-se como uma cidade imaginária por ser representada por diferentes dispositivos artísticos. A contextualização histórica é definir um lugar socio-histórico de interpretação das mudanças urbanas ocorridas no Recife, as etapas de construção dos bairros do Pina e Brasília Teimosa, a partir de autores que tem dedicado pesquisas a historiografia urbana.

Esta pesquisa é fruto, em parte, da nossa pesquisa de mestrado em Antropologia Social, que teve como objeto o cinema pernambucano contemporâneo do diretor Kleber Mendonça Filho. Partindo do trabalho de conclusão de curso da graduação em Ciências Sociais, onde

problematizei os olhares fílmicos em três documentários pernambucanos – que definiam discussões sobre memórias, narrativas políticas e dicotomias da cidade recifense (COSTA, 2016, 2017) – e no mestrado, onde problematizei os espaços poéticos memoriais em dois filmes, *Aquarius* (Kleber Mendonça Filho, 2016) e *O Som ao Redor* (idem, 2012), Recife se consagrava como uma cidade imaginária. A pesquisa de mestrado buscou discutir a socio-antropologia do imaginário dos filmes pernambucanos por uma envergadura filosófica – principalmente pelas leituras dos autores fenomenológicos Gilbert Durand e Gaston Bachelard.

O artigo aqui apresentado é um dos recortes da dissertação, focando principalmente no fenômeno da cidade imaginária recifense como o lugar das narrativas e das práticas. Pretendemos problematizar Recife por meio do contar e do praticar na perspectiva do caminhar/errar e perder-se na cidade, procedimento da etnografia de rua e tradição do paradigma da invenção do cotidiano discutido por Michel de Certeau (2014).

## Contar e praticar a cidade: a perspectiva histórica

Em 1934, Gilberto Freyre (1968) publicou o primeiro guia turístico de cidade brasileira no país, intitulado *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Nele, o intelectual pernambucano descreve espaços históricos e poéticos da cidade, pincelando na escrita do texto seu tom pessoal marcante. Mais do que um Guia no termo restrito, a obra de Freyre explora o lado sentimental de uma cidade historicamente relevante para o Brasil, revelando para o leitor a imagem de uma cidade que vive entre o passado, o presente e o futuro. É um diário com chave aberta para o leitor, que na medida

em que as páginas vão passando, tem-se a concepção afetiva e emocional do escritor para com sua cidade, seus espaços e sua história. No livro, as imagens da cidade chegam à imaginação sonhadora por meio da narrativa que concebe a descrição histórica e sociológica. Nesses termos, “a questão da narração está sem dúvida relacionada à questão da memória (e também da infância e da morte) e, assim, da história, em particular, da historiografia, ou seja, da forma de se contar ou de se narrar a história, de transmiti-la” (JACQUES, 2012, p. 17-18).

Em seu texto preciso – e prático – chegando ao teor autobiográfico comum ao seu estilo literário “é a história pessoal e a memória que articulam os instantâneos que se sucedem na narrativa que, por isso mesmo, tem o encadeamento de conversa, daquelas que associam livremente casos, impressões, lembranças e fatos históricos. É a evocação do Recife de ‘outrora’, do ‘tempo dos meus avós’, que dá o tom do relato” (PEIXOTO, 2005, p. 161-162). Ademais em seus textos literários de ficção, Freyre dá o sentido de “investigação do passado brasileiro através de técnicas sociológicas” (CURSINI, 2019, p. 84).

Segundo Rita Gallego (2010, p. 20),

Anos, datas, fatos históricos mais gerais ou locais, acontecimentos diversos (chuva, festas, encontros, desencontros, entre outros), precisão e imprecisão estão presentes quando se busca construir um texto memorialístico e ajudam a estruturar o fluxo das lembranças e dos tempos vividos assim como o modo pelo qual os sujeitos os exteriorizam e os ordenam seja pela escrita, seja pela oralidade, guardadas as devidas especificidades de um e de outro. Rememoração calcada no passado,

mas impregnada das vivências posteriores e do momento presente, cuja narrativa pode ou não seguir uma ordem cronológica. Ainda que cronológica, as narrativas jamais terão a regularidade do tempo social, [...] pois novas estruturas temporais são inventadas por quem narra a partir das formas que se viveu a regularidade do tempo em anos, meses, dias, horas, minutos e segundos...

Gilberto Freyre, assim como fizera Câmara Cascudo (2011) com a cidade de Natal dos anos 20, e João do Rio (1995) com Rio de Janeiro do começo do século XX, descreve sua cidade pelo modo descritivo, afetivo e simbólico. No aspecto do simbólico, Recife é uma cidade imaginada nas obras literárias e cinematográficas, historicamente pulsante na representação das obras plásticas de artistas como Frans Post, Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres, e culturalmente viva no folclore e nas festividades tradicionais.

Gostaria de empreender uma discussão histórica e biográfica do Recife e Pernambuco (PONTUAL, 2001; JUCÁ, 2004; SILVA, 2016). Contudo, será mais conveniente, para desenrolar com melhor precisão sobre o urbanismo e os modos de vida contemporâneos, alguns aspectos determinantes para a formação da cidade. Historiadores, sociólogos e antropólogos, incluindo o citado Gilberto Freyre, remontaram a formação cultural da região; esta investida histórica será deixada para especialistas da área. Ao meu ver, apropriar o fundamento histórico de qualquer objeto empírico e problematização cultural é fundamental. Isso é inegável. Mas uma cidade historicamente poderosa no pensamento e na ciência como Recife já desabrochou em outras oportunidades acadêmicas. Mas vou traçar duas observações importantes.

Segundo Virgínia Pontual (2001), dois momentos podem ser cruciais para iniciar um estudo da história do Recife: o primeiro refere-se a colonização portuguesa no Brasil, quando a Capitania de Pernambuco fazia mover parte da economia colonial nos engenhos de açúcar e no uso da propriedade da terra, e o segundo, no ano de 1630, com a chegada dos holandeses a Pernambuco, responsáveis pelo desenvolvimento econômico, social e cultural, este último, como vimos, na confecção de mapas, cartas e pinturas. A chamada “cidade Maurícia” – em homenagem ao conquistador João Maurício de Nassau – se tornaria um lugar de desenvolvimento urbanístico e artístico para a época.

Da passagem de uma cidade tentacular à mancha urbana, Recife circunvizinhou outras cidades e aproximou seus bairros de forma acelerada e pouco organizada (PONTUAL, 2001). Em fins do século XIX, o desenvolvimento industrial promoveu o aparecimento de tecnologias pesadas para a estruturação do espaço e da malha urbanas, não levadas adiante em razão da fraca base da economia açucareira. Para Pontual (2001), chegando aos anos de 1940 Recife seria conhecida como a cidade dos mocambos, imagem combatida nos próximos anos pelas políticas sanitárias do Estado Novo.

Essas modificações elencadas expressavam uma natureza em conflito. [...] Evidenciavam-se conflitos entre capital e trabalho, entre forças sociais, entre funções ou atividades inerentes ao ambiente construído. Dessa maneira, a cidade não era homogênea nem uniforme. Ela continha lugares diferenciados pelo modo como era apropriada, usada e fruída. Essa argumentação reporta a cidade como uma unidade econômica, ou seja, como concentração dos meios de consumo coletivos e dos meios de reprodução

do capital e da força de trabalho, segundo Lojkin; e como produto material das relações sociais, para Castells. Tais entendimentos conferem à cidade uma *forma*, uma *função* e uma *significação social* (PONTUAL, 2001, p. 428, grifo nosso).

No começo do século XX ocorreu a primeira fase de reestruturação urbana, quando o centro-urbano com os seus casebres e solares antigos projeta uma imagem de espaço retrógrado, em detrimento da ideia de progresso que se estabelecia nos grandes centros das cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo. O rejuvenescimento do centro-urbano do Recife tinha como motivação o estabelecimento de uma *cidade desejada*, com ruas e avenidas, casas e prédios construídos a partir de uma estética arquitetônica trazida pelos arquitetos e engenheiros europeus.

Sylvia Couceiro Bompastor (1998) desenvolveu pesquisa etnográfica em arquivos fotográficos que registraram, em meados dos anos 1910-1920, a representação da modificação da paisagem urbana nas publicações mensais e semanais dos jornais e revistas daquele período, como *A Revista Pernambucana* e *Revista da Cidade*. A autora argumenta que a cidade do Recife tivera várias faces que acompanharam a construção da utopia *cidade desejada*, a transformação da paisagem urbana e, conseqüentemente, no impacto para a reelaboração das relações sociais pelos indivíduos.

Nas palavras de Bompastor (1998, p. 131), “no processo de elaboração de um novo imaginário sobre a cidade, calcado na dicotomia progresso vs. atraso, as imagens foram, portanto, ponto fundamental”, no sentido de simbolizar por meio de narrativas visuais o sentido fundamental do projeto político-econômico para a reestruturação urbana,

que é implicar na vida cotidiana dos transeuntes e moradores da cidade a unidade gestacional do viver urbano.

Esta prerrogativa, com efeito, é produto indelével dos projetos de vida urbanos implementados em Paris, Londres e Nova York. Vejam a Figura 1. Nela percebe-se um movimento de formalização do espaço urbano em detrimento do processo natural de formação das entradas e saídas da cidade. Ao centralizar uma avenida no

centro da cidade, impera-se a ideia de que a cidade é criada por arranjos gestacionais de forças centrípetas das pessoas com o espaço em questão: os projetos socioeconômicos, forças, dinâmicas e trajetos se direcionam para a Av. Guararapes. Esse planejamento urbanístico de concentrar todas as direções para áreas centrais da cidade é percebido atualmente nas políticas de revitalização e reestruturação da malha urbana recifense.



**Figura 1:** Vista aérea da Av. Guararapes evidenciando intensa urbanização no Recife dos anos 1940-1960. **Fonte:** <http://archive.fo/bk3KQ> (2006).

De acordo com Gisafran Jucá (2004), a história urbana recifense propiciou a produção de espaços urbanos de moradia de elites e da população pobre. A ocupação de certas regiões distantes do centro, como Boa Viagem, e o crescimento exponencial dos bairros periféricos e dos mocambos, como no Pina, renderam o “encontro” entre bairros de ricos e bairros de pobres,

paisagem social típica da realidade brasileira, sendo que os pobres “nunca abandonaram as áreas privilegiadas em sua totalidade” (JUCÁ, 2004, p. 140). Agora, Recife crescia, nos anos 50 e 60, com tamanha abundância, inchando os bairros periféricos marcados pela miséria. Como acontecia em boa parte das cidades brasileiras do período, a periferação dos “bairros de pobres”

remetia a ideia de tornar invisível as camadas populares dos planejados e movimentados “bairros de ricos”.

À medida que aumentava o índice de casebres em áreas consideradas “marginais”, mais crescia a preocupação da sociedade civil no controle da ideologia alimentada, segundo o qual era imprescindível afastar a pobreza dos espaços estratégicos disputados na cidade. Não se apontava o que realizar ou através de que meios o peso da miséria poderia ser extinto, o objetivo prioritário prendia-se à manutenção da estrutura ideológica e de seu material, ou seja, tanto as organizações as criavam quando os recursos básicos de difusão dessa ideologia, com o intuito de salvaguardar o ideal de ordem e estética urbanas (JUCÁ, 2004, p. 151-152).

No âmbito político, atualmente o projeto político-econômico de reestruturação urbana desenvolvido no Recife contemporâneo ataca por vertentes institucionais-burocráticas-capitalistas, na figura dos capitalistas imobiliários que dialogam diretamente com representantes da Câmara e da Assembleia Estadual. Em contrapartida, os lugares de luta e resistência estão imbricados nos departamentos autárquicos do governo – na figura de deputados e vereadores –, em movimentos sociais de cunho urbano-produtivo liderados pelas classes populares que reivindicam o direito à cidade e em setores da produção cultural e cinematográfica. A imagem de cidade que Recife ocupa hoje, mais do que nunca, é de uma metrópole média que está entre projetos urbanos que prometem reestruturar as áreas urbanas, e a outra, que almeja preservar e repensar

políticas urbanas que visam realocar as pessoas de suas áreas de moradia. Por isso mesmo, o processo de gentrificação é um dos termos mais utilizados em pesquisas urbanas nas áreas de Geografia, Gestão Urbana e Arquitetura, que lançam luz às políticas neoliberais de privatização de áreas públicas.

Em resposta à perda da memória urbana, a população do Recife deu início ao movimento de ocupação do Cais José Estelita. O caso da ocupação do Cais José Estelita, “área de mais de 100 mil metros quadrados estrategicamente situado às margens do Capibaribe, ao lado centro histórico e no caminho para a valorizada zona sul da cidade”<sup>1</sup>, tornou-se símbolo do movimento de resistência das classes populares que reivindicam o direito à cidade pronunciada pela frase “A cidade é nossa, ocupe-a!”. No movimento #OcupeEstelita, amplamente propagado nas redes sociais após a divulgação do projeto Consórcio Novo Recife, em 2008, que visa levantar 12 torres de cerca de 40 andares, com o apoio de partidos políticos e construtoras imobiliárias, a presença estimulante do setor cultural e cinematográfico da cidade deu levante a um outro campo para a luta em favor da permanência do Cais José Estelita. A ideia do movimento #OcupeEstelita é desregular a política econômica neoliberal que se instalou no setor de habitação visando a privatização de espaços singulares da memória da cidade, área por onde circula grande parte da população recifense que trabalha no grande centro e nas regiões próximas.

Uma amostra da paisagem reestruturada do Recife é a Figura 2, onde pode ser visto a distância de realidades sociais e

<sup>1</sup> Fonte:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/opinion/1448840154\\_656256.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/opinion/1448840154_656256.html).

econômicas entre moradias, conseqüentemente, entre vivências, inserção de políticas de segurança e mobilidade urbana, etc. As torres do Condomínio do Edifício Píer Maurício de Nassau – popularmente chamadas “Torres Gêmeas” pelos grupos populares – estão localizadas no centro histórico do Bairro do Recife, região altamente valorizada por sua paisagem urbana e cultural. Bairro Brasília Teimosa, por sua vez, é o espaço da continuidade dos bairros de Boa Viagem e do Pina, possuindo um valor histórico de

resistência – por isso seu nome “Teimosa”: as políticas higienistas do Estado Novo derrubavam os mocambos do bairro, e no dia seguinte novos mocambos eram erguidos, na “teimosia” da população que ali residia – em detrimento da reestruturação urbana. As distâncias se dão no nível de participação social e cultural nos arranjos da sociedade recifense, e as aproximações na questão espacial, visual – ainda que os moradores das “Torres Gêmeas” vejam exemplarmente a parte extrema de Brasília Teimosa, o Iate Clube do Recife.



**Figura 2:** distâncias/aproximações entre as “Torres Gêmeas” e o Bairro Brasília Teimosa (ponta), no Recife. **Fonte:** Wendell Costa (2018).

Concordo com Cleiton Silva (2016) quando o tema é a transformação urbana – preferimos chamar reestruturação urbana – dos bairros Pina e Boa Viagem. As distintas mudanças paisagísticas e urbanas nos bairros denotam o poder dos espaços de vivência das pessoas e dos grupos sociais locais, recomendações favoráveis ao bairro de Boa Viagem para

a manutenção da avenida, das calçadas e das casas a beira-mar.

Lugar praticado por turistas e moradores da cidade, Boa Viagem se transformou num dos pontos turísticos mais importantes do Nordeste, figurando entre as mais divulgadas praias do Brasil. Em sua extensão, o bairro do Pina sofreu com o desmantelamento dos governos,

agregando ao bairro uma imagem estereotipada da periferia brasileira.

A grande leva de investimentos para uma determinada área, no caso o bairro de Boa Viagem, provocou uma concentração de infra-estrutura nesta região, por outro lado, áreas como o bairro do Pina, configurou-se pelo desprovimento de políticas básicas essenciais, situação esta que perdurou por diversos anos, o resultado é que acentuou-se, ao longo dos anos naquela área, as contradições sociais, a precarização dos que ali residiam, além da acentuação da dualidade socioespacial no que se refere aos dois bairros analisados. Se Boa Viagem iria ganhando status de bairro moderno, o bairro do Pina malograva com a falta de saneamento já na década de 60. [...] Ao longo das três últimas décadas as áreas dos bairros do Pina e da Boa Viagem apresentaram uma maior dinamicidade, uma vez que sucessivos investimentos foram evidenciados, iniciando no bairro da Boa Viagem, e se estendendo atualmente para região do Pina. Tais investimentos promoveram não só uma maior valorização da área, aumentando sobremaneira as áreas construídas (SILVA, 2016, p. 69-70).

Uma “cidade partida” é a Recife contemporânea, palco de resistências em prol do direito à cidade. A cada vez que um novo prédio sobe para encobrir o sol, pessoas se levantam para defender aqueles que resistem ao tempo e às reestruturações do espaço urbano. As imagens afetivas do Pina e Boa Viagem do século passado adentram nossas mentes imaginárias (Figura 3), por serem representações de *uma cidade que não existe mais* (COSTA, 2017), e ecoam fascinantes quando comparadas com as imagens da verticalização instituída na orla.

As dicotomias da cidade são perceptíveis na paisagem urbana que se estende em toda a orla de Boa Viagem: prédios altos criando muralhas lutam pelo território com casas que resistem à especulação imobiliária na Av. Boa Viagem, e em seu prosseguimento os bairros do Pina e Brasília Teimosa conferem outras paisagens urbanas e simbólicas. Contatos e aproximações que permanecem ajustadas geograficamente e temporalmente.

Tudo o que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição – como as regiões pobres ou de meretrício – fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes. Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas são sempre vistos como locais de transição: “zonas”, “brejos”, “mangues” e “alagados”. Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo (DAMATTA, 1997, p. 42).

Para finalizar este recorte, venho dizer junto a Sandra Jatahy Pesavento (2007, p. 13, grifo da autora, sic) sobre a materialidade da cidade como “uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, um *outro* da natureza: é algo criado pelo homem, como sua obra ou artefato. Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial”, enfim, “seja verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. Pela materialidade visível, reconhecemos, imediatamente, estar em presença do fenômeno urbano”.



**Figura 3:** Respectivamente, Praia de Boa Viagem e Bairro do Pina no Recife. **Fonte:** Biblioteca do IBGE (s/d).

Em artigo de 2016<sup>2</sup>, a jornalista Larissa Lins, do Diário Pernambucano, discorre sobre como as artes públicas urbanas contam também sobre a história e a representação social do Recife. A reportagem mostra a pesquisa feita por pesquisadores pernambucanos (arquitetos e artistas) sobre a existência de painéis, esculturas, vitrais, murais e monumentos nos bairros do Recife. A iniciativa gerou um site<sup>3</sup> para divulgação dos trabalhos de campo e a publicação do livreto *Recife Arte Pública: Esculturas*, lançado em 2015. Atividades como esta mostram um duplo jogo de relações para a representação de uma cidade: a primeira, como dissemos, as narrativas literárias, a segunda, a produção de espacialidades e temporalidades físicas prementes na vida das pessoas e nos locais onde vivem que igualmente narram histórias e acontecimentos.

### **Recife: cidade imaginária, praticada, vivida**

Ao falar do Recife, a cidade imaginária, praticada e vivida, acreditamos que “escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível” (CERTEAU, 2014, p. 159). Nossa procura sobre uma cidade praticada e vivida é no caminho inverso da procura, é no perder-se/errar para poder encontrar a cidade imaginária, que se revela a cada passo, a cada imagem que se fabrica no imaginário urbano

afetivo e individual dos caminhantes da cidade (JACQUES, 2012).

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. [...] É um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre [...]; é uma *realização* espacial do lugar [...]; enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos (CERTEAU, 2014, p. 164, grifo do autor).

Recife não só é palco para a imaginação criadora literária e cinematográfica, igualmente é matéria-prima para representação plástica de seu passado e do seu presente em monumentos históricos. Deste ponto de análise, o duplo jogo das relações de representação aduna não só os(as) artistas, como as pessoas que por conviverem e lerem as obras de arte tornam-se usuários e intérpretes das mesmas. As artes não físicas, como a literatura e o cinema, estruturam a imaginação simbólica sonhadora das pessoas, inervando o imaginário com ideias e sonhos em outra dimensão espacial e temporal (BACHELARD, 1988, 1993). No caso das artes públicas urbanas, as esculturas, vitrais, monumentos nas praças etc., atingem um nível local e cotidiano, objetivamente fundadoras do imaginário urbano. Nesse sentido, as *imaginações atuantes* – a plástica sonhadora e a plástica concreta – juntas fomentam a cidade imaginária.

<sup>2</sup> Fonte:

[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/02/21/internas\\_viver.628184/art-e-que-ocupa-as-ruas-esculturas-e-murais-do-](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/02/21/internas_viver.628184/art-e-que-ocupa-as-ruas-esculturas-e-murais-do-)

[recife-ganham-mapeament.shtml](http://www.recifeartepublica.com.br/recife-ganham-mapeament.shtml). Acesso em 16 de março de 2019.

<sup>3</sup> O site do projeto Recife Arte Pública: <http://www.recifeartepublica.com.br/>. Acesso em 16 de março de 2019.



**Figura 4:** vista panorâmica aérea do Bairro do Recife<sup>4</sup>. **Fonte:** Sol Pulquério/PCR.

Aonde está, então, essa cidade imaginária que falamos? Na representação imagética e narrativa do mundo simbólico que é a cidade. A Figura 4 é um registro, é uma representação por meio do aparelho fotográfico da paisagem urbana do Recife Antigo. O(a) fotógrafo(a), margeia além-bairro, centraliza o objeto, prima pelo fascínio da luz solar distante, que parece morrer, dourada, ao fundo. Uma cidade imensa, parece nos mostrar a figura, que contrapõe duas histórias urbanas: a antiga, do passado, de prédios patrimoniais multicolor; a atual, do presente, de prédios verticais monocromáticos.

No Marco Zero (Figura 5), as distâncias temporais se aproximam com efeito

simbólico: casas, ruas, carros, pessoas. São temporalidades que se fazem no urbano. Na Rosa dos Ventos de Cícero Dias (2000) uma frase: “Deste marco partem as distâncias para todas as terras de Pernambuco”. Nesse movimento, a relação espaço-temporal da cidade produz a paisagem onírica de imagens do passado que se atualizam no presente imaginário das pessoas. É como diz Certeau (2014, p. 175), “a lembrança é somente um príncipe encantado de passagem, que desperta, um momento, a Bela-Adormecida-no-Bosque de nossas histórias sem palavras”. Aqui, as palavras na Rosa dos Ventos de Cícero Dias remetem mais a incursões na imaginação sonhadora das pessoas do que espacializações determinantes de momentos históricos da colonização.

<sup>4</sup> Célia Lubambo (1991) discutiu o processo histórico urbano do bairro do Recife. Em sua pesquisa é possível identificar as mudanças que o bairro passou em detrimento das políticas de revitalização, privatização e abertura do espaço urbano.



**Figura 5:** Marco Zero, Recife Antigo.

**Fonte:** Recife Arte Pública.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>5</sup>, Recife tem uma população estimada em 1.637.834. Recife tem densidade demográfica aproximada em 7.039,64 hab./km<sup>2</sup> (dados obtidos em 2010), superior a de outras capitais do Nordeste, como Natal (4.805,24 hab./km<sup>2</sup>) e João Pessoa (3.421,28 hab./km<sup>2</sup>). Por isso, é considerada uma cidade com área habitada acima da média regional. Isso demonstra, pelo menos quantitativamente, como o espaço urbano é usado e habitado por um grande número de pessoas, gerando eventuais problemas socioeconômicos que já são conhecidos pela população, como violência, desigualdade social, fragilidade em políticas públicas sociais e patrimoniais.

Uma frase pronunciada por pessoas que moram no Recife, que ouvira falar em algumas situações sociais, é de que

“basta uma pessoa tirar o pé do Recife, que outro coloca o seu”. Cidade povoada por diferentes culturas, lugar de visitação de turistas, tem o que é considerado o maior Carnaval do mundo – inculido no imaginário pelas grandes redes de comunicação, principalmente a televisão e a publicidade e propaganda. Mas nas errâncias na cidade procuramos conhecer a outra cidade do Recife: aquela dos lugares, cantos e espaços desconhecidos, não visitados por visitantes de fora, espaços cotidianamente praticados por aqueles “de dentro”. Essa atividade é uma experiência errática que se afirma como “uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência a partir da modernidade” (JACQUES, 2012, p. 19).

Em vez de repetir nostalgicamente qualquer tipo de tradição da transmissão da experiência, os errantes inventam outras

<sup>5</sup> Dados obtidos em 2018. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/recife.html>.

[estados/pe/recife.html](https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/recife.html). Acesso em 17 de março de 2019.

possibilidades narrativas, outras formas de compartilhar experiências, em particular a experiência da alteridade urbana nas grandes cidades. Essas narrativas errantes são narrativas menores, são micronarrativas diante das grandes narrativas modernas; elas enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade e, assim, reafirmam a enorme potência da vida coletiva, uma complexidade e multiplicidade de sentidos que confronta qualquer “pensamento único” ou consensual, como o promovido hoje por imagens midiáticas luminosas e espetaculares das cidades (JACQUES, 2012, p 20-21).

Também, o imaginário da Praia de Boa Viagem e os ataques de tubarão é dotado de medo e curiosidade<sup>6</sup>. Nas várias vezes que estive em Recife fui envolvido por uma sensação de cidade cada vez mais verticalizada que é povoada e vivida por pessoas e grupos que ocupam lugares distintos na sociedade.

Vejo e converso com pessoas simples (MARTINS, 2017) vivendo dentro de suas rotinas, fazendo suas tarefas, recreando em tempos de lazer em shoppings, bares e restaurantes (DAMATTA, 1997). Entretanto, não posso considerar essas conversas sem pretensão empírica com moradores do Recife um dado qualitativo a ser utilizado para descrever o que é morar e viver numa cidade do Nordeste brasileiro. Nem mesmo são entrevistas. Apenas ocasiões surpreendentes: conversas entre hóspede e anfitrião por

cinco dias, ambos universitários; jogar conversa fora em bares; trocar uma palavra ou outra com pessoas nas paradas, shoppings, bancos, parques, praias e cinemas. Não representam incursões no campo. Mas podem adentrar inicialmente no Outro urbano que “é o homem ordinário que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano, da anestesia pacificadora. Como bem mostra Michel de Certeau, ele inventa seu cotidiano, reinventa modos de fazer, astúcias sutis e criativas, táticas de resistência e de sobrevivência pelas quais se apropria do espaço urbano e assim ocupa o espaço público de forma anônima e dissensual” (JACQUES, 2012, p. 15).

O corpo, a fala, a imaginação e o olhar estão no contexto espacial e temporal da cidade. Nossas *lembranças viajantes* estão situadas no campo, vivenciaram e sentiram o calor, o frio, o medo e a alegria das situações<sup>7</sup> (COSTA, 2019). Em uma das errâncias em Recife, fiz um trajeto de 11km de bicicleta. Parti da Av. Boa Viagem, costurando o bairro Pina, cruzando as pontes que ligam ao Cais José Estelita e o Centro (Figura 6). O destino final foi o famoso cinema de rua São Luiz. A época era tempestiva para a política brasileira. Muitas pessoas na rua, movimentos sociais fecharam avenidas do Centro, passeatas pró-democracia enchem de vozes os becos escuros no começo da noite. Fiz vários registros desse dia, mas não os usarei aqui, sabendo que muitos dessas imagens e vídeos evidenciam um lado particular.

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.clp.unesp.br/Home/arquivos/NG169\\_Tubaroes\\_PE.pdf](https://www.clp.unesp.br/Home/arquivos/NG169_Tubaroes_PE.pdf). Acesso em 06 de julho de 2019.

<sup>7</sup> Em dezembro de 2017 estive em Assunção-Paraguai, e fiz o seguinte vídeo do Mercado 4: <https://youtu.be/ARwiyEC0PTA>. Acesso em 17 de março de 2019.



**Figura 6:** Av. Boa Viagem em Recife. **Fonte:** Wendell Costa (2018).

Estou dizendo que estamos vivendo e pesquisando a/cidade a todo o instante: não existe, em suma, uma hora marcada para fazer etnografia urbana. As experiências estimulantes que a etnografia de rua nos proporciona é a surpresa, para nos revelar o surpreendente das práticas urbanas, e são próprias das atividades de errância na cidade. Gilberto Velho (2003) nos ensinou isso quando sem querer, passeando por Copacabana, deu-se de encontro com uma situação social complexa. Nesse momento, a exigência com métodos e regras etnográficas

modelam-se nas circunstâncias da experiência. Desse jeito, contar, andar e pedalar por Recife – e por outras cidades – fez “abrir a cidade”, como um livro. Nela existem histórias, objetos e experiências que só podem ser conhecidas se entrarmos sem pretensão.

### **Considerações finais**

A cidade é imaginada pelas ações do contar, recontar, praticar. Narrar a cidade é conceber uma imagem poética do urbanismo como modo de vida. Se o imaginário urbano é o fenômeno da modernidade da cidade, a imaginação

sonhadora vincula-se a atividade da gestação de liberdades das pessoas que frequentam a cidade. Nesse caso, o direito à cidade é para além da prática, da vivência e do preencher os espaços urbanos: desenvolver o potencial imaginal urbano. Expressamos e imaginamos a cidade por vários instrumentos: cinema, literatura, teatro, arquitetura, dança e caminhadas. Cada uma delas representa a cidade através de narrativas corporais, visuais, audiovisuais, espaciais e simbólicas. Não se espera da imaginação uma estruturação dos elementos que a compõe, pois quem direciona as representações é o potencial onírico da imaginação.

A cidade como espaço de encontros e desencontros, essa será a imaginária. As narrativas sociais exploram a plasticidade do espaço memorial: contamos e recontamos, vivemos e negamos, trocamos e substituímos espaços, mas fazendo isso, nos lembrados que eles existem. São verdadeiros patrimônios das nossas imaginações urbanas. Falar sobre a cidade imaginária, que é pensada, inventada e vivida pelas pessoas – nos ônibus, nos metrô, nas ruas e nos becos, nas passagens subterrâneas e nos parques abertos – tem como proposta dizer como a cidade pode ser objeto de pesquisa em antropologia urbana e na filosofia do espaço.

A cidade que contem, nos grandes e pequenos espaços cotidianos vividos temporalmente, os espaços poéticos memoriais, elaborados e reelaborados constantemente pelas práticas urbanas dos cidadãos urbanos. Nesse contexto, a cidade do Recife com sua imagem poética – cantada, filmada, encenada, narrada em livros e poesias, e praticada e vivida pelos moradores e visitantes – é cercada por espaços cinemáticos, de

movimento e fluxo. A cidade imaginária é feita, em suma, através do contar e praticar, sendo transformada a partir de olhares individuais que destinam sentimentos e afetos sob lugares emocionais no âmbito do espaço urbano. Recife atua como um desses lugares.

### Referências

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOMPASTOR, S. C. “Fases da cidade: representações da cidade do Recife através das fotografias no início do século”. In: KOURY, M. G. P. (Org.). **Imagens & Ciências Sociais**. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 1998, p. 119-131.
- CASCUDO, C. **Crônicas de Origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20**. Natal: EDUFRRN, 2011.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COSTA, W. M. A. Documentário pernambucano de curta-metragem: espacialidades e narrativas nos filmes Câmara Escura e A Clave dos Pregões. In: RENÓ, D., AMÉRICO, M., MAGNONI, A. F., IRIGARAY, F. (Orgs.). **Ficção e Documentário: memória e transformação social**. Rosário: UNR Editora, 2016, p. 367-378.
- COSTA, W. M. A. Lembranças viajantes de espaços poéticos urbanos. **Fotocronografias**, vol. 4, n. 8, 2019.
- COSTA, W. M. A. Memórias, narrativas políticas e dicotomias da cidade: olhares fílmicos sobre Recife-PE. **Illuminuras**, v. 18, n. 45, 2017.
- CURSINI, B. C. O sentido da escrita ficcional de Gilberto Freyre: a seminovela e a história intelectual. **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 19, n. 217, 2019.
- DAMATTA, R. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Illuminuras**, v. 4, n. 7, 2003.

FREYRE, G. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da cidade do Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

GALLEGO, R. C. “Tempo social e tempos vividos: as narrativas autobiográficas e seus marcadores temporais”. In: SOUZA, E. C., GALLEGU, R. C. (Orgs.). **Espaços, tempos e gerações: perspectivas (auto)biográficas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 19-33.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JUCÁ, G. N. M. O processo de ocupação e crescimento do espaço urbano do Recife. **Revista do Instituto do Ceará**, p. 125-152, 2004.

LUBAMBO, C. W. **Bairro do Recife: a reforma urbana do início do século XX**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2017.

PEIXOTO, F. A cidade e seus duplos: os guias de Gilberto Freyre. **Tempo Social**, revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 1, p. 159-173, junho, 2005.

PESAVENTO, S. J. Abertura. Cidades visíveis, cidades invisíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, n. 53, p. 11-23, junho, 2007.

PONTUAL, V. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 42, p. 417-434, 2001.

RIO, J. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

SILVA, C. F. Intervenção urbana e uso do solo na Zona Sul do Recife: análise sobre as transformações urbanas nos bairros do Pina e Boa Viagem. **Caderno de Geografia**, v. 26, n. 45, 2016.

VELHO, G. “O desafio da proximidade”. In: \_\_\_\_\_. KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 11-19.

Recebido em 2019-09-10  
Publicado em 2019-10-25